"Sim, eu devo estar a ser sincero": a correspondência entre Fernando Pessoa e Armando Côrtes-Rodrigues

Carlotta Defenu
Universidade de Parma

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre dois elementos considerados marcantes na relação epistolar entre Fernando Pessoa e Armando Côrtes-Rodrigues: o primeiro é a troca epistolar honesta que caracteriza o diálogo entre os dois poetas, comummente considerado um dos aspetos mais salientes da correspondência entre os dois, e o segundo é a peculiaridade da cronologia desta correspondência, que, depois de ter sido interrompida em 1916, foi reestabelecida através de uma única carta enviada por Fernando Pessoa em 1923. Tentar-se-á investigar as razões por trás deste intervalo temporal, especialmente tendo em consideração a coincidência entre estas duas datas marcantes da correspondência e duas datas marcantes da atividade literária pessoana: o falhanço do projeto *Orpheu* e o lançamento da revista *Athena*.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Armando Côrtes Rodrigues, correspondência, *Orpheu*, *Athena*.

Abstract

This article proposes a reflection on two significant elements in the epistolary relationship between Fernando Pessoa and Armando Côrtes-Rodrigues. The first one is the sincere epistolary exchange that characterizes the dialogue between the two poets, often considered one of the most outstanding aspects of their correspondence. The second one is the peculiarity of the chronology of this correspondence, which, after being interrupted in 1916, was reestablished by a single letter sent by Fernando Pessoa in 1923. This study will attempt to investigate the reasons for this temporal interval, especially considering the coincidence between these two notable dates in their correspondence and two key dates in Pessoa's literary activity: the failure of the *Orpheu* project and the launch of the magazine *Athena*.

Keywords: Fernando Pessoa, Armando Côrtes Rodrigues, correspondence, *Orpheu*, *Athena*.

CC BY

O propósito da presente investigação é o de apresentar uma leitura abrangente da correspondência entre Fernando Pessoa e Armando Côrtes-Rodrigues, com especial foco em dois aspetos: o primeiro é a reflexão sobre a adesão de Fernando Pessoa à estrutura dialógica da carta, e o segundo é a reflexão sobre o elemento mais peculiar da correspondência entre os dois poetas, que coincide com o facto de esta ter sido interrompida em 1916 para ser retomada, com uma única ocorrência, por parte de Fernando Pessoa, em 1923. Em específico, tentar-se-á identificar os elementos da correspondência a partir dos quais esta foi geralmente considerada uma troca epistolar de sincera amizade e tentar-se-á enquadrar as razões pelas quais Pessoa decide voltar a contactar o poeta açoriano depois de sete anos de silêncio.

A correspondência conhecida entre Fernando Pessoa e Armando Côrtes-Rodrigues é constituída apenas pelas cartas que este último recebeu do poeta dos heterónimos. Estas foram publicadas, pela primeira vez, em 1944, por Joel Serrão, que, tendo visitado Ponta Delgada em 1943, teve oportunidade de conhecer o poeta açoriano, o qual lhe confiou a tarefa de publicar as cartas que tinha recebido de Fernando Pessoa ao longo da vida (Serrão, 1985: 9–10).

Na "Singela Introdução à Leitura de Fernando Pessoa", que antecede a publicação das cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, Joel Serrão articula a sua reflexão a partir de um dos trechos mais célebres desta correspondência: "Não sei se estou sendo lúcido. Creio que estou sendo sincero. Tenho pelo menos aquele amargo de espírito que é trazido pela prática anti-social da sinceridade. Sim, eu devo estar a ser sincero" (Serrão, 1985: 11).

A partir desta citação, Joel Serrão reflete sobre duas questões principais: a da hesitação e a da sinceridade *tout-court*.

Quanto à primeira questão, a reflexão é-nos proporcionada pela modulação que Fernando Pessoa introduz no excerto citado através da expressão "devo estar", que envolve a declaração num tom de dúvida, e retira força à asserção de uma irremediável declaração de sinceridade, que poderia ter sido veiculada através da simples afirmação: "Sim, estou a ser sincero."

De acordo com a análise de Joel Serrão, a razão dessa modulação proposta por Fernando Pessoa deriva da tendência irremediável do poeta para sentir a "contingência de

ISSN 2183-4075

todo o acto pensante"; numa personalidade como a de Pessoa, a reflexão exacerbada sobre qualquer tipo de pensamento ou ideia leva necessariamente a uma desconstrução analítica a partir da qual nenhuma expressão, nenhuma confissão, pode ser dada como absolutamente certa (Serrão, 1985: 12).

Acreditando que é precisamente esta dúvida sobre a sinceridade daquilo que é expresso que comprova irremediavelmente a honestidade das palavras pessoanas, Joel Serrão antecipa aquela que será uma das leituras mais comuns da correspondência entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues, comummente considerado um dos interlocutores epistolares com o qual o poeta dos heterónimos falava de forma mais honesta. Esta interpretação é baseada principalmente em alusões frequentes que o próprio Pessoa introduz nas cartas enviadas ao poeta açoriano, cujo exemplo mais citado é a carta de 15 de janeiro de 1915, em que Pessoa fala daquela que é tida como "crise do Interseccionismo".[16]

Nesta carta, Pessoa, ao declarar "Em ninguém que me cerca eu encontro uma atitude para com a vida que bata certo com a minha íntima sensibilidade, com as minhas aspirações e ambições, com tudo quanto constitui o fundamental e o essencial do meu íntimo ser espiritual." (Pessoa, 1985: 44), situa o amigo Côrtes-Rodrigues num lugar diferente, considerando-o o único que "possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual." (Pessoa, 1985: 43).

O modo como Pessoa considera o poeta açoriano um interlocutor adequado a uma expressão particularmente sincera parece ser comprovado pelo facto de considerações deste tipo não ocorrerem apenas no espaço relativamente privado das cartas,[17] mas também em outros contextos, ainda mais fechados, próximos da escrita diarística. Um exemplo particularmente ilustrativo encontra-se num apontamento de 21 de novembro de 1914, em que Pessoa, esboçando as ideias da carta que enviará a Côrtes-Rodrigues, escreve: "É o CR quem, de todos, melhor e mais dentro me compreende. Diser-lhe isto." (doc. BNP/E3 20-51a; cf. Pessoa, 2009: 119).

[16] Sobre esta "crise", cf., por exemplo, Gagliardi, 2004; Amado, 2015; Miraglia, 2020.

[17] A ambiguidade entre público e privado no espaço das cartas, especialmente no contexto do Modernismo português, é analisada por Fernando Cabral Martins no artigo "Correspondências Modernistas" (2019), para o qual remetemos. A mesma ideia é defendida por Pedro Eiras num artigo dedicado à correspondência entre Pessoa e Sá Carneiro, no qual o autor sublinha que "nenhuma carta é privada, a escrita é sempre uma performance perante um público invisível" (2022: 416).

ISSN 2183-4075

Há, neste brevíssimo excerto, dois elementos interessantes: o primeiro é a antecipação daquilo que Pessoa expressará depois a Côrtes-Rodrigues, conferindo a esse conteúdo ainda mais valor, dada a primeira inscrição num espaço monológico; e o segundo é a declaração da vontade de querer expressar isso ao interlocutor.

Assim sendo, a questão da sinceridade, em oposição à do artifício – dois conceitos que, tal como referido por Caio Gagliardi (2017: 18), se constituíram como os tópicos fundamentais da fortuna crítica pessoana já a partir da primeira geração presencista –, também foi considerada amiúde relevante na leitura crítica da correspondência entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues, especialmente com relação à mencionada carta sobre a crise do Interseccionismo. Não me deterei sobre esta questão, por ter já sido extensivamente tratada em outros contextos (cf., por exemplo, as entradas "Fingimento" e "Sinceridade" do *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, disponível em linha, e os números 4 e 6 da *Estranhar Pessoa*); quero, no entanto, aproveitar o paradigma da sinceridade para refletir brevemente sobre um outro ponto de interesse, que é o da estrutura dialógica da carta.

No contexto das relações epistolares, de facto, se a ideia da sinceridade pode ser encarada como ponto de partida para refletir sobre o conteúdo da escrita, esta também pode ser tomada em consideração como elemento de interpretação para o próprio ato de escrita. Dito doutra forma, poder-se-ia falar de sinceridade ou insinceridade, ou melhor, de adesão ou não adesão, com respeito à natureza intrinsecamente dialógica das cartas.

Tal como foi apontado por Manuela Parreira da Silva, o destinatário das cartas representa, quase sempre, um "interlocutor ideal" (Silva, 2003: 30), apto a entender e a partilhar aquilo que expressamos e a nele participar. A ideia de interlocutor ideal é frequentemente ampliada por Fernando Pessoa, que durante o ato de escrita epistolar costuma, por vezes, transformar o destinatário específico das cartas num interlocutor absoluto, geral, público, multíplice.

Exemplo emblemático disto é a célebre carta de 1914 destinada a Ronald de Carvalho, conhecida com o nome de "Carta a um Poeta"[18] (Pessoa, 1966: 135). Nesta carta, com o

[18] Este título aparece na edição de *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* (1966: 135), onde uma versão incompleta do texto da carta foi publicada, a partir dos documentos 19-16 e 17, conservados no espólio pessoano. O texto integral da carta foi publicado pela primeira vez no jornal *A Tribuna* de Rio de Janeiro em 1955. No presente artigo, cito a partir da edição das cartas pessoanas de Richard Zenith, que transcreve a versão da carta publicada no jornal, emendando a partir da lição transmitida pelo datiloscrito, tal como o editor explica nas notas (2007: 452–453).

ISSN 2183-4075

pretexto de escrever uma recensão à obra do poeta brasileiro *Luz Gloriosa*,[19] Pessoa foge do aparente propósito para escrever uma declaração de poético pessoal propriamente dita.

Depois de um elogioso parágrafo inicial, em que Pessoa afirma que o livro "é dos mais belos que recentemente tenho lido" (Pessoa, 2007: 105), na restante parte da carta o autor dedica-se a uma longa reflexão saudosista sobre a lembrança dos tempos infantis, cujas memórias representam um tempo idealizado, frágil e distante. Apesar de o texto ser intercalado com perguntas retoricamente dirigidas ao interlocutor da carta ("Lembra-se? Nós éramos crianças. Tinham-nos tirado os brinquedos […] A hora (não se recorda?) essa era demasiado certa e humana."; Pessoa, 2007: 106) parece evidente que aqui o destinatário desenvolve um papel meramente instrumental.

Tomando em consideração a ideia expressa por Fernando Pessoa, em carta de 2 de setembro de 1914 a Côrtes-Rodrigues, de que a sinceridade é uma "prática anti-social" (Pessoa, 1985: 34), esta ideia parece sugerir que as cartas desta tipologia, por terem sido escritas tendo em vista um interlocutor global, e, portanto, mais social, são cartas em que a honestidade da expressão ocupa um lugar secundário. Mais uma vez, no entanto, interessa-me refletir não sobre a sinceridade dos conteúdos, mas sobre a sinceridade quanto à natureza dialógica da escrita epistolar, que nestes casos é maioritariamente subvertida.

Uma prática parecida àquela adotada por Pessoa na carta a Ronald de Carvalho, no contexto da correspondência com Armando Côrtes-Rodrigues, apenas ocorre na carta de 1915 sobre a "crise do Interseccionismo"; no entanto, comparando estas duas cartas, existem diferenças substanciais que permitem observar como, no caso da carta ao poeta brasileiro, a estrutura dialógica da relação epistolar é traída de uma forma muito mais profunda.

Em primeiro lugar, na carta a Ronald de Carvalho o interlocutor nunca é mencionado de forma direta, mas sempre através do apelido "Poeta", escrito com letra maiúscula. Na carta ao poeta açoriano, pelo contrário, o interlocutor é frequentemente trazido à superfície explicitamente; Pessoa dirige-se-lhe através do pronome "você" ou da expressão "Meu querido Amigo" (Pessoa, 1985: 43–48), e a referência ao outro da carta aparece também nos parágrafos em que Pessoa partilha as próprias reflexões pessoais. Como se o autor da carta

[19] O exemplar encontra-se na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, à guarda da Casa Fernando Pessoa e disponível *online*: https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-93.

ISSN 2183-4075

quisesse sublinhar que a confissão que está a desenvolver não é meramente autorreferencial, mas também uma confissão com destinatário.

Adicionalmente, as desculpas que Pessoa frequentemente adicionava nas suas cartas em relação à expressão confusa e à dúvida de que esta se conformasse exatamente com a intenção do que se queria exprimir é quase sempre acompanhada, na carta a Côrtes-Rodrigues, pela reafirmação da ideia de que, apesar de tudo, o poeta açoriano teria a capacidade de compreender e simpatizar com os sentimentos expressos:

> Tenho-lhe explicado tudo isto muito mal. Quase que me tenta a ideia de rasgar esta carta onde, até, pouca justiça fiz a mim próprio. Mas você deve compreender o que eu sinto, e, creio, regozijar comigo, através da sua amizade, por esta minha evolução ascendente dentro de mim. […] Como já disse, você é o único dos meus amigos que tem, a par daquela apreciação das minhas qualidades que lhe permitirá não julgar esta carta um documento de megalómano (Pessoa, 1985: 45–46).

Na carta a Ronald de Carvalho, pelo contrário, os pedidos de desculpa com respeito à natureza divagadora da carta são realizados anulando da equação o interlocutor, e configurando-se como pedidos de desculpa à Vida:

> Escrevo e divago, e tudo isto parece-me que foi uma realidade. Tenho a sensibilidade tão à flor da imaginação que quase choro com isto, e sou outra vez a criança feliz que nunca fui, e as alamedas e os brinquedos… e apenas, no fim de tudo, a supérflua realidade da vida... Perdoe-me que lhe escreva assim... A Vida, afinal, vale a pena que se lhe diga isto. (Pessoa, 2007: 107).

Isso parece situar-se em contraposição com a atitude tomada por Pessoa na carta ao poeta açoriano, na qual o pedido de desculpa final é dirigido precisamente ao destinatário (as últimas duas palavras da carta são, precisamente, "Você Desculpe"; Pessoa, 1985: 48) e em que a natureza dialógica da carta é sublinhada pelo pedido de que o destinatário lhe volte a escrever: "Escreva-me sempre, meu caro Côrtes-Rodrigues" (Pessoa, 1985: 48).

Através desta breve comparação, podemos observar como o intuito dialógico da relação epistolar é mantido de forma mais concreta na carta dirigida a Armando Côrtes-

ISSN 2183-4075

-Rodrigues, apesar de esta também se configurar como uma ocasião para uma declaração de intenções poéticas.

Assim, a frequentemente referida sinceridade que caracteriza a relação epistolar entre Fernando Pessoa e Armando Côrtes-Rodrigues parece manter-se também com respeito a uma adesão ao propósito da escrita epistolar, que tem como base a ideia de uma comunicação dialógica entre o emitente e o destinatário. Esta correspondência é, portanto, uma correspondência efetiva, não autorreferencial, cuja maioria das cartas responde também a propósitos práticos: pedidos de envio de textos para a revista *Orpheu* (cf. carta de 19 de fevereiro de 1915: "Vai entrar imediatamente no prelo a nossa revista, 'Orpheu' […] Se você mandar colaboração para chegar aqui no vapor do princípio do mês que vem era óptimo. Não nos falte. Seria para nós um grande desgosto que a revista aparecesse sem v. colaborar"; Pessoa, 1985: 57), pedidos de dinheiro (cf. carta de 19 de novembro de 1914: "Olhe lá, a este propósito e se o pedido o incomodar tenha-o como não feito, v. podia emprestar-me vinte mil réis? Eu não sei quando lhos poderei devolver, e de mais a mais, já lhe devo aqueles cinco que v. uma vez me emprestou na Avenida"; Pessoa, 1985: 40), pedidos de correção de provas e marcação de *rendez-vous*. (cf. carta de 6 de março de 1913: "Chegaram as provas e é urgente devolvê-las corrigidas. Veja se pode estar amanhã (7) na 'Brasileira' do Chiado ao meio dia em ponto"; Pessoa, 1985: 33).

Mesmo quando o texto se faz mais lírico (veja-se a este respeito a carta de 28 de junho de 1914, em que Pessoa escreve: "Eu vos saúdo e vos peço que amanhã, entre o soar duplo das duas e o soar simples das duas e mais metade de uma hora, surjais com a vossa presença carnal sem prolongamento gesticulante de bengala agressiva – à vil cova ou jazigo de utilidades e propósitos artísticos que dá pelo nome humano de 'Brasileira do Rossio'."; Pessoa, 1985: 33) ou quando o propósito se faz poético, como na carta sobre a crise do interseccionismo, o texto das cartas pessoanas dirigidas a Côrtes-Rodrigues revela quase sempre um intuito prático ou dialógico.

No contexto desta relação epistolar íntima e profunda, no entanto, parece surgir como contradição o facto de a correspondência entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues se interromper abruptamente em 4 de setembro de 1916, dia do qual é datada a última carta que Pessoa envia ao poeta açoriano, dizendo estar a sentir-se "não, mas agora melhor" (e a frase é mesmo

ISSN 2183-4075

assim), e de estar a sair de um período de "esterilidade literária quase total", o que o leva a dar-se como "RECONSTRUÍDO EM SETEMBRO DE 1916." (Pessoa, 1985: 69).

Na mesma carta, Pessoa anuncia ao amigo a próxima saída do número 3 de *Orpheu*, coisa que, como bem sabemos, nunca acontecerá. Depois, por sete anos, a relação epistolar cessa, sendo retomada, com uma única ocorrência e por iniciativa de Pessoa, a 4 de agosto de 1923. Estas duas datas marcantes da correspondência entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues coincidem com dois momentos fundamentais da atividade literária pessoana: o declínio de *Orpheu* e o surgimento do segundo maior empreendimento literário pessoano, a publicação da revista *Athena*.

Esta coincidência parece ser mais do que uma mera coincidência.

Poucas outras razões parecem poder ser apontadas para explicar por que motivo Pessoa e Côrtes-Rodrigues deixam de se escrever reciprocamente, se não o facto de o falhanço de *Orpheu* 3 ter de alguma forma representado uma razão para que a correspondência deixasse de ter a sua justificação primordial. Explico-me.

A 14 de janeiro de 1916 Pessoa envia um bilhete postal a Côrtes-Rodrigues, no qual informa ter passado a limpo o poema "Cavalgada dos Sonhos", o contributo com que o poeta açoriano devia ter participado na revista (Pessoa, 1985: 67).

Um mês depois, Armando Côrtes-Rodrigues volta para os Açores (cf. Almeida, 2019). O facto de Armando Côrtes-Rodrigues ter voltado para os Açores, no entanto, não parece ter sido razão suficiente para a interrupção da relação epistolar, dado que o poeta, antes de abandonar o continente em fevereiro de 1916, voltando para S. Miguel, deixara com Pessoa os poemas da sua autoria destinados ao *Orpheu* 3.[20]

Numa carta de 4 de maio de 1916 Pessoa comunica ao amigo, entretanto já nos Açores, o suicídio de Mário de Sá-Carneiro, informando-o de que o *Orpheu* 3 seria dedicado à memória do poeta desaparecido (Pessoa, 1985: 67–68).

Côrtes-Rodrigues responde (esta carta é publicada pelo poeta açoriano no jornal *Autonómico*; cf. Almeida, 2019) com uma homenagem ao poeta morto em Paris e um poema,

[20] De resto, Côrtes-Rodrigues tinha já efetuado uma viagem para S. Miguel em agosto de 1914, para permanecer na ilha até abril de 1915, tendo tido necessidade de voltar a Lisboa para terminar o Curso Superior de Letras em Lisboa em maio do mesmo ano. A ausência de quase um ano do poeta açoriano em Portugal continental não tinha, no entanto, impedido a participação do mesmo no primeiro número de *Orpheu*, cuja colaboração tinha sido enviada precisamente a partir de S. Miguel (cf. Almeida, 2019).

ISSN 2183-4075

intitulado *Cortejo Trágico*, o qual não consta, no entanto, tal como nenhum outro contributo de Côrtes-Rodrigues, das provas tipográficas da revista.

Não me dedicarei agora a refletir sobre as possíveis razões da ausência da colaboração de Côrtes-Rodrigues nas provas tipográficas de *Orpheu* 3, limitando-me apenas a referir que, quando, em 1958, avançou com a intenção de publicar o número 3 da revista, o cunhado de Fernando Pessoa, Caetano Dias, pediu a Côrtes-Rodrigues que lhe enviasse as suas colaborações para a revista, pedido que o poeta açoriano satisfez (Cf. Almeida, 2019).

O que me interessa evidenciar é que as cartas de maio de 1916 demonstram que a distância geográfica entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues, apesar de poder ter contribuído para isso, não foi razão exclusiva para a cessação da relação epistolar. O que me parece plausível defender é que, com a desilusão oriunda do falhanço da revista *Orpheu* e com a cessação das possibilidades de retomar a revista, os dois "camaradas" terão sentido a necessidade de um afastamento; algo que pode reforçar-se pela constatação de que essa relação, até àquele momento, fora profundamente marcada pela colaboração na génese e no desenvolvimento da empresa órfica.

A partir de 1916, depois do regresso ao arquipélago, Côrtes-Rodrigues passa a sentir-se completamente embebido no sentimento açoriano, toma parte ativa no Movimento Autonómico do ilhéu e faz da afirmação da identidade açoriana o elemento central do seu projeto poético, político, cultural e social. Há, neste contexto, um distanciamento que se cria, naturalmente, e que nasce de uma não total coincidência, pelo menos aparente, de projetos estético-literários (cf. Almeida, 2017: 296–297).

De resto, tal como evidenciado por Manuela Parreira da Silva, nenhuma das relações epistolares pessoanas é mantida ao longo de toda a vida do poeta, o que pode demonstrar, por um lado, uma inconstância de interesses e relações, e, por outro, "um forte investimento periódico e exclusivista em determinados objectos" (Silva, 2003: 21).

O que se configura como elemento peculiar da correspondência Pessoa-Côrtes-Rodrigues, portanto, não é o facto de esta ter sido interrompida em 1916, mas sobretudo o facto de esta ter sido retomada sete anos mais tarde.

Em 1923, os projetos literários pessoanos parecem de facto voltar a ser propícios para um pedido de colaboração a Armando Côrtes-Rodrigues. Este pedido não é explicitamente referido na célebre carta de 4 de agosto de 1923, em que, analogamente ao

ISSN 2183-4075

que Álvaro de Campos expressara, em carta aberta a José Pacheco publicada no n.º 4 da revista *Contemporânea* (Pessoa, 1922: 4), Pessoa opta por referir as aproximações e sobretudo as diferenças entre essa nova publicação e a experiência de *Orpheu*: "Tanta saudade – cada vez mais tanta! Daqueles tempos antigos do *Orpheu*" (Pessoa, 1985: 71).

No entanto, apesar dos sete anos de silêncio epistolar, Pessoa estava provavelmente a par da atividade literária do poeta açoriano, à qual alude na própria carta: "V. o que tem feito? Notícias suas, de certo modo, tenho-as sempre tido, ou pelo Rocha (que acaba de me transmitir as saudades que me envia) ou pelo Duarte de Viveiros." (Pessoa, 1985: 71).

E a poesia de inspiração na Natureza, embebida de religiosidade e de tom classicista, que Armando Côrtes-Rodrigues tinha andando a publicar durante aquele período, parecia enquadrar-se perfeitamente no espírito da nova revista que Fernando Pessoa estava prestes a lançar.[21]

Acredito na possibilidade de que, se Côrtes-Rodrigues tivesse respondido à saudosa carta de 1923, outra carta pessoana teria seguido, com pedido de colaboração para *Athena*.

É impossível reconstruir arqueologicamente as razões pelas quais o poeta açoriano não chegou, provavelmente, a enviar resposta a Fernando Pessoa. Refiro apenas brevemente que o envio da carta pessoana coincide com o período em que Côrtes-Rodrigues abandona a Ilha Terceira para voltar a São Miguel, período que o poeta açoriano descreveu, numa carta de 5 de junho de 1955 enviada a Eduíno de Jesus, como "a fase mais dolorosa da minha existência de incompreendido" (Côrtes Rodrigues e Jesus, 2002: 90). Nessa fase, o sentimento religioso toma contornos ainda mais intensos e converte-se num elemento poético fundante da coletânea que Côrtes-Rodrigues publica em 1934, o *Cântico das Fontes*.

No ano seguinte, no célebre texto "Nós os de Orpheu", publicado na revista *Sudoeste* (Pessoa, 1935), Pessoa, relembrando mais uma vez com saudade os tempos órficos, critica duramente este mesmo aspeto da poesia do poeta açoriano, depois de explicar que a não inclusão da sua colaboração no número da revista dedicado à publicação de obras dos colaboradores de *Orpheu* se devia essencialmente a razões geográficas:

[21] Jorge Uribe menciona especificamente a *Ode a Minerva*, escrita por Côrtes-Rodrigues em 1922, como exemplo paradigmático da sintonia no espírito neoclassicista entre o projeto pessoano de *Athena* e a poesia do poeta açoriano da mesma década (Uribe, 2015: 332). Sobre a história da publicação desta ode, cf. Almeida, 2019.

ISSN 2183-4075

> Nada porém foi possível incluir de Cortes-Rodrigues, que é directamente de *Orpheu*, e os poemas de cuja personalidade inventada, Violante de Cysneiros, são uma maravilha subtil de criação dramática. Neste caso a dificuldade foi, como no dos brasileiros, geográfica: estas produções foram coordenadas à pressa, Cortes-Rodrigues vive nos Açores. Aqui lhe deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre; e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Cortes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pieguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental. (Pessoa, 2009: 95).

As mesmas razões geográficas eram apontadas como motivação para a não inclusão de poemas dos colaboradores brasileiros, Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens, a distância dos quais era, no entanto, mais ontológica do que geográfica, dado que ambos já tinham, na altura, falecido.

Fernando Pessoa podia não estar a par do desaparecimento dos poetas brasileiros, mas é plausível também que a não inclusão dos dois derivasse apenas de um certo desinteresse não explicitamente assumido e retoricamente justificado por motivos geográficos. Quanto ao caso de Côrtes-Rodrigues, tal como explicitado no parágrafo final do texto publicado em *Sudoeste*, os motivos da exclusão parecem ser de ordem mais estética que logística, sobretudo se considerarmos que a colaboração para *Orpheu* 3, em 1916, nunca foi posta em causa pelo facto de o poeta açoriano ter voltado para o arquipélago.

E, no que diz respeito ao "catolicismo campestre" que o poeta dos heterónimos afirma desdenhar, note-se que, na célebre carta sobre a "crise do interseccionismo", a afinidade de almas entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues é explicada, pelo primeiro, precisamente a partir da partilha de um espírito religioso profundo: "Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso" (Pessoa, 1985: 28), e já em 1914 Fernando Pessoa assim se exprimia com respeito à viagem de regresso de Côrtes-Rodrigues aos Açores: "Muito me agrada ler que a bucolização do seu ser se tem operado a seu contento. Sim, depois de alguns anos de vida em Lisboa, esse reingresso na vida mais próxima da do Universo deve ter-lhe trazido calma e antiguidade ao espírito. Compreendo isso muito bem. Não sei se no seu caso sentiria o mesmo" (Pessoa, 1985: 36).

ISSN 2183-4075

Esta afinidade de "espírito religioso" que Fernando Pessoa sublinhava na carta de 1915, no entanto, podia já não existir, ou, ao menos, já não ser sentida pelo poeta duas décadas mais tarde, aquando da publicação da nota na revista *Sudoeste*; exemplar seria, neste contexto, considerar as opiniões dicotómicas que, como sublinhado por Jorge Uribe (2015: 332), Pessoa expressou em relação a S. Francisco de Assis, do qual Armando Côrtes-Rodrigues era devoto. Assim, se para a escolha do nome de Violante de Cysneiros, personagem literária fictícia criada graças à colaboração entre os dois poetas, Pessoa parece ter-se inspirado no cardeal franciscano Cisneiros (cf. Almeida, 2016: 232), e se o santo fora considerado também modelo de inspiração do heterónimo Alberto Caeiro, definido enquanto um "atheist Saint Francis of Assisi" (doc. 14B-62a, publicado e transcrito em https://modernismo.pt/index.php/toda-a-base-de-dados/details/33/3164) ou "o S. Francisco de Assis do novo paganismo" (doc. 12[1]-16[v]; Pessoa, 2015: 232), por outro lado o próprio Caeiro reserva palavras depreciativas para o santo, comentando: "é um bom homem mas está bêbado" (Pessoa, 1994: 160).

É possível então que uma conjunção de causas tenha contribuído para a abrupta interrupção da especial correspondência entre Pessoa e Côrtes-Rodrigues, prejudicada tanto pela falta de resposta do poeta açoriano à missiva de 1923, como pela progressiva perda daquela sintonia espiritual que tinha contribuído para que Pessoa escolhesse o seu amigo de *Orpheu* como correspondente de eleição.

Referências

Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português. https://modernismo.pt/index.php/dicionario?f=1.

ALMEIDA, Anabela (2019) *Armando Côrtes-Rodrigues, Vida e Obra do Poeta Açoriano de* Orpheu, s.l., Ilha Nova.

___ (2017) "Armando Côrtes-Rodrigues, um poeta que «é directamente de *Orpheu*»", in Ernesto RODRIGUES e Rui SOUSA (eds.), *A Dinâmica dos Olhares: Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, Lisboa, Lusosofia, 289–298, disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20171024-ernesto_rodrigues_rui_sousa_a_dinamica_dos_olhares_2.pdf

___ (2016) "Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e Côrtes-Rodrigues, o Triálogo em *Orpheu*", *Uniletras*, 38.2: 227–236, doi: 10.5212/Uniletras.v.38i2.0004.

AMADO, Nuno (2015) "Orpheu... e Eurídice", *Estranhar Pessoa*, 2: 57–70.

CÔRTES-RODRIGUES, Armando e Eduíno de JESUS (2002) *Correspondência*, Prefácio e notas de Fernando Aires, Ponta Delgada, Museu Carlos Machado.

EIRAS, Pedro (2022) "A Verdade das Cartas e a Mentira dos Sujeitos – sobre a correspondência de Mário de Sá-Carneiro", in *Presença e Memória. Homenagem a Paula Morão*, Lisboa, Colibri, 413–421.

GAGLIARDI, Caio (2017) "Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa: o Tempo Cultural Presencista", *Estranhar Pessoa*, 4: 12–21.

___ (2004) "Uma Girândola para o Riso: a rejeição de Fernando Pessoa ao Interseccionismo", *Voz Lusíada,* 21: 134–150.

MARTINS, Fernando Cabral (2019) "Correspondências Modernistas", *Colóquio Letras*, 202: 33–38.

MIRAGLIA, Gianluca (2020) "Do 'Dia Triunfal' ao *Orpheu*: ascensão e queda de Alberto Caeiro", *Pessoa Plural*, 18: 366–387.

PESSOA, Fernando (2015) *Poemas de Alberto Caeiro*, Ed. Ivo Castro, Lisboa, Imprensa Nacional –Casa da Moeda.

___ (2009) *Sensacionismo e Outros Ismos*, Ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

___ (2007) *Cartas*, Ed. Richard Zenith, Mem Martins, Círculo de Leitores.

___ (1999) *Correspondência*, Ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim.

___ (1994) *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, Ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Editorial Presença.

___ (1985) *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, Org. Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte.

___ (1966) *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literária*, Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática.

___ (1935) "Nós os de «Orpheu»", *Sudoeste*, 3:3.

___ (1922) "Alvaro de Campos escreve á 'Contemporanea'", *Contemporanea*, 4:4.

SERRÃO, Joel (1985) "Singela Introdução à Leitura de Fernando Pessoa", in Fernando Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, Lisboa, Livros Horizonte.

SILVA, Manuela Parreira da (2003) *Realidade e Ficção. Para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim.

URIBE, Jorge (2015) "A Vocação de Armando Côrtes-Rodrigues", in *1915: O Ano de Orpheu*, Org. Steffen Dix, Lisboa, Tinta-da-china, 319–334.

Carlotta Defenu é Marie Skłodowska-Curie Postdoctoral Fellow na Universidade de Parma. O seu projeto, *"Unveiling the Lost Literary Legacy of Fernando Pessoa: The Duke of Parma" (THEDUKE)*, investiga a génese da peça inédita de inspiração shakespeariana escrita por Fernando Pessoa. É doutorada em Crítica Textual pela Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a génese e a reescrita da poesia ortónima de Fernando Pessoa. Publicou diversos artigos e capítulos de livros nas áreas da crítica textual, crítica genética e estudos genéticos de tradução, sendo também coordenadora do grupo de trabalho *Visualizing and Investigating Differences In Texts (VIDIT).*

ISSN 2183-4075